

# Os percalços e menções perigosas nos relatos de viagem de nobres quatrocentistas

Waslan Saboia Araújo

Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'

Franca – São Paulo – Brasil

waslanaraujo@hotmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo<sup>1</sup> tem como intuito problematizar os relatos de viagem ao oriente, escritos por nobres castelhanos durante o século XV, acerca das menções perigosas ao longo dos percursos desses viajantes. O artigo tem como objetivo discorrer sobre como os homens que se colocavam em viagem rumo a leste punham por escrito as passagens que poderiam significar uma barreira à viagem e um risco a sua segurança, de forma que seja possível analisar como os nobres castelhanos desse período encaravam o ato de se deslocar por terras distantes assim como os percalços que se apresentavam em tal atividade. Para tal serão cotejados dois relatos de viagem: *Embajada à Tamorlán*, escrito por Ruy González de Clavijo, narrando a viagem a serviço do rei Enrique III de Castela, até a corte do líder mongol Tamerlã, entre 1403 e 1406; e *Andanzas y viajes de un hidalgo español*, relato sobre as viagens do cavaleiro andante Pero Tafur, realizadas entre 1435 e 1439. O estudo é norteado pela interrogação acerca do que se esperava do desconhecido e em que medida este seduzia ou causava medo, assim como pela análise da imagem deste desconhecido traçada por estes viajantes.

**Palavras-chave:** Viagens. Quatrocentos. Perigos. Dificuldades. Nobres.

---

## Introdução

As idas para as terras distantes da cristandade, durante o período medieval, não foram uma prática estranha aos homens daquele período. Mesmo com as invasões franco-germânicas e, posteriormente, a dos povos árabes na Península Ibérica, e o ‘fechamento’ dos povos europeus em decorrência, o deslocamento nunca cessou por completo. A baixa Idade Média, notadamente a partir dos séculos XIII e XIV, foi palco de uma melhoria na área das comunicações, com uma revitalização das estradas, construções de pontes e outras obras que asseguravam uma melhor viagem, assim como melhorias nos meios de transportes tanto terrestres como aquáticos (VALLEJO, 1994, p. 17).

Tais melhorias não deixavam a tarefa mais fácil ou menos perigosa, pelas dificuldades naturais, risco de ladrões, e as instabilidades políticas e bélicas dos reinos, mas não desestimularam os viajantes, que, ainda assim, se aventuravam pelos caminhos

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma parte da pesquisa desenvolvida durante o ano de 2015, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), também é resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Temático “Escritos sobre os Novos Mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa”, financiado pela FAPESP.

medievais (VALLEJO, 1994, p. 37-46). Os tipos de viajantes que se propunham a essa prática eram os mais variados: peregrinos que se dirigiam para os lugares sagrados, cruzados que seguiam para batalhas, comerciantes em busca de mercados e compradores, embaixadores com suas missões a cortes distantes, dentre muitos outros.

Apesar da vontade de sair do mundo habitual, a viagem, dadas as condições materiais e mentais da época, intimidava. Por mais que o ideal peregrino fosse algo tão bem quisto entre os homens do período, o medo que cercava tal prática era bem concreto, de forma que, muitas vezes, os viajantes eram vistos como homens destemidos pelos seus contemporâneos (VALLEJO, 1994, p. 18).

Nesse contexto das viagens medievais, os ibéricos tiveram um lugar importante, pois, desde muito cedo, havia informações sobre viagens protagonizadas por ibéricos que seguiam rumo a leste<sup>2</sup>. A posição no extremo ocidente da Península Ibérica, banhada pelo Atlântico, não faz com que estes ficassem estáticos em relação ao oriente e suas visões exóticas. Os deslocamentos rumo a leste faziam parte da vida social dos ibéricos, seja em forma de peregrinação, missão diplomática ou ímpeto aventureiro. Os homens da península mantiveram contatos com as terras estrangeiras graças à Reconquista de suas terras que estavam em posse do islã, e às cruzadas, que fizeram com que esses contatos aumentassem (MARQUES, 2001, p. 109-111).

Muitos desses homens que se punham em viagem acharam importante deixar registradas suas experiências, pela via oral, mas também na forma de escritos. Estes relatos sobre as viagens se tornam contributos de suma importância tanto pelo aspecto informativo para o período<sup>3</sup>, como pelo fato de ser uma construção da época sobre o distante, bem como dos próprios homens que se propunham a se deslocar, tendo em vista que eles usavam suas noções de realidade para transcrever e compreender o mundo ao qual eram apresentados.

O presente artigo visa investigar como eram registradas essas visões sobre o espaço distante, assim como as noções sobre a própria viagem, o que será feito tendo como problemática norteadora uma questão nem sempre focada nos trabalhos sobre as

---

<sup>2</sup> O exemplo mais remoto que se tem conhecimento seria o escrito da peregrinação de Egéria, uma peregrina da Galícia, possivelmente uma religiosa, rumo à terra santa durante o século IV. C.f. MARIANO, A.B. In: e o quod amatur aut non laboratur aut et labor amatur: esforço e satisfação no Itinerarium de Egéria. IN *Otium et Negotium - As Antíteses na Antiguidade Otium et negotium: as antíteses na Antiguidade: actas / do IV Colóquio da APEC*; (coord.) Adriana Freire Nogueira. Lisboa: Nova Vega, 2007, p. 121-131; PASCUAL, C. Egéria, la Dama Peregrina. In *Arbor*. CLXXX, nº711-712. Madrid: Editorial CSIC, 2005, p. 451-464.

<sup>3</sup> O caráter informativo agia na criação de uma nova visão do desconhecido, mas que não seria uma ruptura com a antiga e a tradicional, mas sim uma atualização que, através das analogias, criava uma visão que buscava ser mais verossímil e aceitável de acordo com os padrões de realidade da época. C.f. POPEANGA, E, *Lectura e investigación de los libros de viajes medievales*. In *Filología Románica Anejo I*. Madrid: Ed. Universidad Complutense, 1991, p. 24.

viagens medievais, a saber, os perigos e as dificuldades que se colocavam entre o viajante e seu destino ao longo do percurso e como as menções a esses episódios de perigo se relacionam com a descrição do percurso.

Para tal serão analisados dois relatos de viagem originários do século XV; o primeiro é a *Embajada à Tamorlán* (1403-1406), de Ruy González de Clavijo, e o outro relato é o *Andanzas y viajes de un hidalgo español* (1435 e 1439), de Pero Tafur. Por mais que seus itinerários diverjam, os dois são destinados ao oriente, constituindo a *Embajada a Tamorlán* do relato de uma missão diplomática que Enrique III de Castela mandou à corte do emir mongol Tamerlã em 1402. Esta esteve sob o comando do nobre da corte de Enrique, Ruy González de Clavijo, que também é o mais aceito como autor do relato (TOVAR, 1986, p. 70). Os escritos do fidalgo Pero Tafur dizem respeito a seu périplo como cavaleiro andante por três continentes, tendo participado de batalhas e visitado lugares sagrados.

O trabalho pretende analisar os informes narrados, reportando os perigos com o intuito de entendermos melhor que papel e peso os homens do século XV conferiram às viagens, neste período em que os grandes descobrimentos se anunciavam. Será igualmente examinada a maneira como se reportava o ambiente pouco conhecido por grande parcela da população nesses informes sobre o distante e suas paragens. Daí que seja incontornável examinar a narrativa de viagem como uma das formas de se entender como eram representadas as impressões sobre a época. Assim, a análise dos escritos visa mapear as impressões dos homens acerca do espaço exterior ao seu ambiente de vivência.

### **Os viajantes nobres e os perigos da missão**

Para melhor elucidar as condições históricas de produção dos dois relatos de viagens, é preciso esclarecer algumas questões conexas aos autores dessas narrativas. Ambos os escritores, Clavijo e Tafur, eram participantes da nobreza castelhana da primeira metade do século XV, sendo o primeiro obre pertencente à corte do rei Enrique III de Castela, e Tafur, um cavaleiro sevilhano, que dividia sua vida entre Sevilha e Córdoba (HERNÁNDEZ, 2013, p. 33).

O período quatrocentista em Castela foi um momento de inúmeras mudanças (RASO, 2008, p. 20) no ambiente social em que a nobreza se encontrava, havendo uma espécie de alteração do componente nobiliárquico, com o enfraquecimento gradual do

papel de guerreiro dos nobres durante o século XV. Estes buscavam alcançar poder e legitimidade, ampliando suas relações com a Coroa e com suas responsabilidades perante o reino. A visão de protetor teria sido ampliada com o papel de servidor real, que obtinha seu lugar social de destaque e legitimidade, através dos serviços que prestava tanto ao reino como ao rei e a Deus (RASO, 2008, p. 57).

A nobreza quatrocentista era constituída por homens que desempenhavam funções políticas a serviço de seus reinos (MACKAY, 2000, p. 111-134), enquanto meio de alcançar o prestígio que era caro ao seu estamento social, mas não perdendo de todo a ligação com o afã da cavalaria, que antes se configurava pelo aspecto bélico. A Península Ibérica, durante o século XV, tornou-se um ambiente mais que propício para a figura do cavaleiro andante, que se configurava através das experiências sociais, dos hábitos aristocráticos e do contato com a fronteira muçulmana (RIQUER, 1967, p. 105). A ideia da viagem pelas terras distantes e climas diferentes se tornava interessante (RIQUER, 1967, p. 102) para esses homens que buscavam a fama que os feitos e desafios da cavalaria podiam trazer.

Os nobres viajantes, focados neste trabalho, enquadravam-se nesta forma de nobreza prestadora de serviços, bem como na condição de cavaleiros andantes. Clavijo (1999, s/p.) é nomeado chefe da embaixada que o rei Enrique III envia até as terras do extremo oriente: “E ordenou enviar uma embaixada formada pelos embaixadores Afonso Páez de Santa Maria, mestre em teologia, frei da ordem dos predicantes, Ruy Gonzalez de Clavijo, seu criado, e Gómez de Salazar, seu guarda, que levaram notícias suas e presentes”. Dentro desta perspectiva das viagens, cujo interesse manifesto também incluía as façanhas e visões obtidas ao longo do caminho, as experiências do viajante apareciam como úteis para a vida política do homem; o relato de Pero Tafur se mostra esclarecedora nesses quesitos, como narrado no prologo do seu relatório:

[...] Da prática da visitação de terras estrangeiras um homem pode razoavelmente esperar obter proveito próximo ao que a proeza requer [...]. Se consegue depois dos trabalhos retornar para sua terra natal, uma vez mais, ele pode, a partir das diferenças de governo e das contrastantes qualidades das várias nações, adquirir conhecimento do que é mais proveitoso para a coisa pública e estabelecimento dela<sup>4</sup> (CLAVIJO, 1999, p. 15).

Tafur deixa à mostra a ligação entre viajar e os saberes necessários para uma vida pública do nobre, que, então, participava nos assuntos de governança. Tafur também

---

<sup>4</sup> Todas as citações diretas das fontes foram traduzidas ao longo da pesquisa inicial das mesmas, de maneira que foram transcritas traduzidas para otimizar a leitura.

matinha ocupações ligadas a seu estamento como nobre e cavaleiro (HERNÁNDEZ, 2013, p. 39), sendo perceptível como esses aspectos do mundo social do viajante são cunhados dentro do seu relato, de maneira que os perigos e dificuldades que se colocavam ao longo da jornada também eram pensados pelos escritores viajeiros relacionados com tais aspectos. A descrição de Tafur (1995, p. 17) sobre o auxílio de um conde num plano de ataque a uma fortaleza moura ilustra isso. Diz ele: “[...] desci à terra e fui ver o Conde, e ele ficou maravilhado ao se encontrar comigo, e se admirou como eu tinha sido capaz de chegar, em vista da minha doença recente”. Nesse trecho de seu relato de viagem, Tafur menciona um fator dificultoso para a viagem – a sua doença –, porém isso não o teria impedido de fazer seu périplo e se por aos serviços do Conde de Niebla. O viajante faz referência ao que poderia ser uma barreira para sua viagem, mostrando como não se deixou abater e se anunciando de prontidão para servir ao Conde na empreitada bélica que organizava.

Na narrativa de Tafur, atenção especial merece seu encontro com o Imperador João VIII, paleólogo de Constantinopla, nomeadamente quando ele cita uma possível ligação sanguínea com o imperador, de modo que delineia uma linha dinástica para si, que remonta aos grandes nomes do império cristão do oriente:

Eu, então, entrei no palácio, e cheguei a uma sala onde o [imperador] encontrei sentado, com uma pele de leão debaixo de seus pés. Eu fiz a minha reverência, e disse ao imperador que eu tinha vindo para ver a sua pessoa e propriedade, e tomar conhecimento de suas terras e senhorios, e, principalmente, para aprender a verdade de minha linhagem, que se dizia ter saído daquele lugar, e de seu sangue imperial; e comecei a dizer-lhe a maneira como aqui se dizia ter acontecido. Ele respondeu de imediato que eu era muito bem-vindo, e que ele estava muito feliz em me ver; e quanto ao que eu falei que iria ordenar que cartas antigas fossem procuradas, de modo a saber a verdade toda. Ele começou a me perguntar notícias das terras e príncipes cristãos, especialmente sobre o Rei de Espanha, meu senhor, e do estado da sua guerra contra os mouros, e eu respondi a tudo como sabia, e assim me despedi dele e fui para a pousada (TAFUR, 1995, p. 82).

A viagem não significava apenas o meio pelo qual o nobre poderia exercer façanhas e serviços, mas muitas vezes ela própria era um serviço a ser prestado, uma missão delegada aos homens de confiança do reino, como é o caso da embaixada liderada por Clavijo. Seus registros deixam à mostra a preocupação em descrever o que presenciaram durante seus périplos, com a pretensão de se criar um relato mais verossímil e prático na prestação de contas das suas empreitadas, como o autor salienta em seu prólogo:

Porque esta embaixada até as terras distantes é difícil e custosa, faz-se necessário colocar em escrito todos os lugares e as terras por onde os ditos

embaixadores foram e coisas que com eles aconteceram, para que não caiam em esquecimento e melhor e mais verdadeiramente se possam contar e saber (CLAVIJO, 1999, p. 79).

A descrição do espaço ao longo de sua jornada é repleta de passagens que atentam para os perigos e as dificuldades, como no trajeto entre Soltania e Samarcanda, em que o narrador se ocupa em dar informes sobre os lugares que iam passando, tais como “o Caminho de Soltania” que “era muito plano e povoado, e a terra era muito quente[...]” (CLAVIJO, 1999, p. 215). Depois de descrever a terra, atentando para as condições climáticas extremas, ele se ocupa em detalhar como isso provoca um cansaço extremo nos embaixadores: “E por *muito que fizeram conseguiram partir*, ainda que isso pesasse, e eles estavam tão cansados que se encontravam mais *perto da morte* do que da vida” (CLAVIJO, 1999, p. 221, *grifos nossos*).

A viagem é contada pelo narrador como um ato custoso em si, podendo levar até à morte daqueles que se propunham a empreendê-la. Uma passagem do relato de Clavijo (1999, p. 217) mostra como a ocupação de andar pelas terras poderia resultar em doença e morte para o viajero, onde ao enfrentarem as condições climáticas acentuadas ao longo do caminho, partindo da cidade de Soltania, e alguns dos que acompanhavam a missão são acometidos por uma enfermidade: “[...]E fizeram voltar estes doentes até a dita cidade de Tieran, e ali estiveram até que os embaixadores retornassem, porém *morreram dois deles*” (*grifos nossos*). Embora a doença fosse um empecilho que atrasa a embaixada, o narrador volta sua descrição da viagem e sua continuidade assim que se encerra a menção sobre o ocorrido: “E este dia partiram daqui e foram dormir no campo, próximo a um rio”.

Pero Tafur (1995, p. 47) também cita em seu relato como, ao atravessar a ilha de Chipre, um mal-estar é causado pela viagem:

E porque era tarde, eu tive que parar em uma aldeia, duas léguas dali, e fui apreendido por uma grande dor na minha cabeça, de forma que pensei que estava prestes a morrer. A dor desceu para minhas pernas e atacou o estômago, barriga, quadris, coxas e os joelhos até os pés, e durou toda a noite e, no dia seguinte, até Vésperas. Eu não podia deixar de pensar que, se a dor durasse três horas eu *morreria*; naquela noite *eu parti*, e me dirigi à cidade de Nicósia, onde o rei tinha sua corte, e fui até uma pousada naquela noite (*grifos nossos*).

Os perigos e dificuldades são mencionados e bem frisados pelos viajantes, mas de maneira que mesmo que por mais difícil que possa ser superá-los, como no caso da fadiga dos viajantes, a missão não cessa. Nem mesmo com o risco de morte que os viajantes apontam em suas falas, o sentido de continuidade é constante ao longo dos relatos, e as

ameaças e os problemas de certa forma colocados como aspectos a serem vencidos e transpostos. Podemos ler essas viagens, dentro desta perspectiva, como uma missão nobre, em que as narrativas sobre os deslocamentos, a partir do século XV, se relacionavam com os ideais e valores da nobreza do Quatrocentos (PRIEGO, 1984, p. 235). Os riscos e percalços que eram encontrados são expostos dentro do relatório sobre a viagem não apenas como fatores de desencorajamento, mas como episódios que se ligavam com a intenção de dar prosseguimento à viagem e, por consequência, constituíam a imagem que os viajantes criavam sobre esses lugares pelos quais passavam, assim como sobre sua própria empreitada para se deslocar.

A relação entre a missão, os perigos e o espaço também pode ser vista em outro trecho da embaixada, no episódio da morte de um dos componentes principais da missão, o guarda Real Gomes de Salazar: “E esta noite veio a falecer Gomes de Salazar, que já vinha doente, e durante toda a jornada deste caminho não havia água, e não partiram essa noite a não ser depois que lhe deram cerveja” (CLAVIJO, 1999, p. 225).

A menção da morte de um dos embaixadores é apresentada junto com o relato sobre o lugar por onde a embaixada passava, sendo o ambiente apresentado como inhóspito e precário. A missão não é interrompida pela morte do companheiro, que, na verdade, teve a marcha cada vez mais intensa: “E na hora de Vésperas dali andaram toda a noite por um caminho muito plano” (CLAVIJO, 1999, p. 225). A continuidade da viagem é ressaltada, ao mesmo tempo em que o narrador se preocupa em ir descrevendo certos aspectos do relevo.

As alusões aos lugares são, muitas vezes, relacionadas com outros aspectos que faziam parte do universo de conhecimento do viajante, como no episódio em que Tafur (1995, p. 43-45), visitando as terras da Palestina, procurou conhecer os locais por onde Jesus andou. Descreve tanto os locais e sua ligação com o sagrado, como também registra seu testemunho dos acidentes que ocorreram nesses lugares:

Há uma igreja notável aqui, assim como o lugar onde Nosso Senhor ressuscitou Lázaro dentre os mortos, e outros locais sagrados. Aqui nós pagamos taxas. À noite, partirmos e chegamos a um lugar que pertencia a Santa Marta, irmã de Maria Madalena, e dormi naquela noite em uma casa em uma montanha onde Nosso Senhor curou os doentes que foram trazidos a ele. Na manhã seguinte, fomos para Jericó, que fica a quinze léguas de Jerusalém. Há aqui um grande vale, e uma vasta planície, através da qual o rio Jordão flui para o lugar onde Nosso Senhor batizou João Batista e por ele foi batizado. Uma cruz de pedra na água marca o local. Aqui, todos banhamo-nos, e um cavaleiro alemão *pereceu por afogamento*. Este é um lugar de maior devoção. [...] Na cabeça desse rio é a província chamada Betânia do Além Jordão. Naquela noite, eu dormi na montanha onde Nosso Senhor jejuou, onde eu novamente juntei-me aos peregrinos. Esta é uma montanha muito alta e no centro existem algumas pequenas capelas, e há um caminho para a subida,

feita por Santa Helena para fazer honra ao lugar. Mas à medida que subiam, um escudeiro da Galícia, indo para a assistência de uma senhora, caiu de cabeça da montanha e foi despedaçado nas rochas abaixo, porque o lugar é muito perigoso para subir. Em seguida, descemos, por outro caminho mais fácil e chegamos ao próprio cume onde Nosso Senhor foi tentado pelo diabo.

Nessa passagem, o cavaleiro sevilhano faz uma narração dos lugares sagrados que eram de suma importância nos relatos que se ocupavam em descrever as terras distantes. Ao mesmo tempo em que ele se ocupa em dar testemunho sobre essa geografia e história sacra, ele também cita como presenciou a periculosidade de tais paragens, onde um cavaleiro alemão se afoga no rio onde Jesus teria batizado João Batista; e relata, com detalhes, a morte de um escudeiro que cai daquela mesma montanha em que Jesus teria sido desafiado por Lúcifer. Tanto a descrição sobre o espaço como sobre os perigos vistos mescla-se com o interesse em descrever os locais que se conectavam com a fé cristã, da qual o viajante era um adepto.

A viagem de Tafur, apesar de permeada por seu espírito de cavaleiro, tem também um aspecto religioso e de peregrinação às terras onde Jesus Cristo viveu, dado que se declara movido pelo desafio religioso de buscar purificação (GRABOIS, 1998, p. 54). Com isto, o narrador ocupa-se em dar conta dos lugares sacros e que despertavam interesse, como era comum nos relatos de peregrinação (HOWARD, 1980, p. 34), mas sem deixar de relacioná-los com o ato da viagem e os acontecimentos que ele testemunhava. Nesse sentido, os relatos, além de se apresentarem como uma compilação dos fatos e episódios trazem elementos significativos do contexto sociocultural dos homens da época. Os fatos históricos e espaciais, embora remetessem a um acontecimento, encontravam-se recheados de aspectos subjetivos da cultura compartilhada pela sociedade da época (DÍAZ, 1991, p. 105).

Por mais que sobressaísse um forte cunho informativo nos relatos, as pretensas descrições fiéis dos lugares são preenchidas pelo seu juízo de valor sobre as coisas que viam, montando uma imagem parcial, valorativa ou depreciativa dos lugares percorridos, como é visível no relato de Clavijo (1999, p. 238): “E perto daquelas cidades e lugares onde havia água e prados, existiam muitas pessoas, e eram tantos e tão feios por andar ao sol, que pareciam que tinham saído do inferno. E eram tantos que pareciam infinitos”. Nessa passagem, Clavijo descreve uma imagem do ambiente que não só faz menção à população que ele teria visto, mas tenta relacionar a característica do lugar à aparência dos homens. O espaço descoberto pelo viajante era descrito por este como um ambiente com propriedades específicas, as quais eram depuradas pela carga valorativa que o autor

do relato empregava.

No que diz respeito à narração sobre os lugares vistos durante a jornada, os perigos eram um obstáculo, mas que não deveriam impedir o viajante de cumprir sua missão, ou mesmo de conseguir avistar coisas que estavam interditas para os cristãos. Isso se torna claro no episódio em que Tafur (1995, p. 45) se vê em perigo em Jerusalém, por tentar conhecer o templo de Salomão:

Naquela noite, eu negocieei com um renegado, natural de Portugal, e ofereci-lhe dois ducados se ele conseguisse me fazer entrar no Templo de Salomão, e ele consentiu. À uma hora da noite eu entrei, vestido com suas roupas, e vi o Templo, que é uma única nave, toda ornamentada com trabalho de mosaico dourado. O chão e as paredes são dos mais belos azulejos/ladrilhos brancos, e o lugar é ornamentado com tantas luzes que todas elas pareciam estar unidas. O telhado acima é bastante plano e é coberto com chumbo. Eles dizem que, na verdade, quando Salomão o construiu, ele foi o mais magnífico edifício em todo o mundo. Posteriormente, foi destruído e reconstruído, mas hoje em dia, sem dúvida, ainda é incomparável. *Se eu tivesse sido reconhecido como cristão eu teria sido morto imediatamente.* Não muito tempo atrás este Templo era uma igreja consagrada, mas um dos privados do Sultão tanto fez que o conquistou e transformou em uma mesquita. O renegado que me tinha escoltado agora voltou comigo para Monte Sião, onde os frades tiveram dó de mim, *como um já morto*, já que eu não tinha chegado na hora marcada, e alegraram-se muito em me ver novamente, como também os senhores da minha companhia (*grifos nossos*).

O perigo pode ser lido aqui como um elemento de maior brilho para a experiência vivida, já que toda a vivência e espaço descrito era mediado por esse fator de alto risco, que é admitido pelo próprio viajante, ao ressaltar que, se fosse pego, com certeza seria executado, o que é reforçado com o registro da preocupação de seus companheiros frades quanto ao risco por ele corrido. Tafur tenta fazer uma descrição minuciosa daquilo que viu nesse episódio, visando deixar clara sua coragem e abnegação religiosa como cavaleiro cristão, que não deixava que o medo da morte o impedisse de conhecer um local importante da sua fé.

### Os perigos do Viajar

Ao longo do século XV, ocorreram alguns processos que se mostraram pertinentes para pensarmos o contexto das viagens medievais no reino de Castela, tais como o abrandamento de embates entre as nobrezas e a coroa e o fortalecimento da monarquia, que gerou um processo de centralização do reino, que, a despeito de certas turbulências, alcançou na segunda metade do XV certa estabilidade (RUCQUOI, 2000). Com os combates entre Castela e os mouros de Granada chegando ao fim à coroa

castelhana pôde intensificar o investimento na aventura marítima, com a descoberta de novas terras auxiliando no alargamento das fronteiras do conhecido (ARGÍMON, 2011, p. 29).

Embora o domínio islâmico na península estivesse acabando, o resto da cristandade ainda tinha o islã como um dos principais inimigos, sobretudo com o avanço otomano na segunda parte do século XV (ARGÍMON, 2011, p. 29). A presença muçulmana não cessou, e tampouco o temor que ela gerava. Os povos mongóis e seus territórios, com os quais a cristandade começou a ter contato a partir do século XIII, foram interpretados pelos cristãos, em certa medida, como uma barreira contra o avanço dos sarracenos. Esse interesse fez com que se organizem missões para essas terras distantes, levando a criação de testemunhos sobre destinos longínquos, que enriqueciam a cosmografia medieval.

O escrito de viagem *Embajada a Tamorlán*, foi um dos principais contributos castelhanos nesse sentido. O traslado com objetivo diplomático visava o fortalecimento das relações dos monarcas ocidentais com o oriente assim como da política expansiva do rei Enrique III de Castela (ARGÍMON, 2011, p. 33). No início da escrita do texto sobre tal missão, Ruy Gonzalez de Clavijo, possível autor do relato, tenta deixar registrado como havia um contato entre os dois senhores, Tamerlã e Enrique, que mantinham uma relação recíproca de respeito, perceptível em certos gestos, como as trocas de cumprimentos entre os dois governantes, por meio dos embaixadores que o monarca castelhano envia a batalha entre as forças de Tamerlã e o chefe turco Aldaire:

E nesta batalha se encontravam os embaixadores Payo de Soto e Ferrand de Sánchez Palençulos, embaixadores estes que o famoso rei Enrique, rei de Castela e Leão, pela graça de Deus, que Deus o mantenha, enviou para saber a pujança e senhoria sobre o mundo do dito Tamerlã e o Turco Aldaire[...] E por estes, Payo e Ferrand Sanches, Tamerlã teve notícias, por apreço ao alto rei de Castela, e fez muitas honras a eles, tendo-os consigo e fazendo convites e propiciando certas dádivas (CLAVIJO, 1999, p. 78).

O interesse de Enrique em criar um contato com o reino distante é retribuído pelo senhor de Sarmacanda, que também envia a ele um emissário:

E tendo a notícia do poder do dito famoso rei de Castela e da sua grande senhoria e franqueza que tinha sobre os reis cristãos, e por ele ter apreço deste, desde que a batalha foi vencida, ordenou que lhe enviasse um embaixador e notícias, assim como um presente para provar seu carinho por ele (CLAVIJO, 1999, p. 79).

O poder que Tamerlã demonstrou com sua vitória, gerou, de certa forma, uma nova expectativa no mundo cristão em ver os povos mongóis como possíveis aliados.

Essa esperança se associou a um aspecto que era ressaltado sobre Enrique, seu cuidado em conhecer os mundos distantes e seus povos<sup>5</sup>. A embaixada que Enrique enviou tinha como objetivo fortalecer as relações entre os dois reinos, mas também mantinha, em certo aspecto, o intuito de avaliar as terras distantes e diversas, que existiam fora das fronteiras cristãs. Por mais que os reinos fossem pagãos e estranhos, havia o interesse em conhecê-los. E as viagens a mando dos monarcas, protagonizadas muitas vezes no século XV por nobres (PRIEGO, 1984, p. 234), eram uma maneira de se alcançar e descrever as terras estranhas aos olhos dos cristãos.

O livro sobre a viagem dos embaixadores faz mais que cumprir a missão política, tornando-se uma obra que alimentou as curiosidades sobre as terras distantes, que os cristãos teriam em relação aos lugares longínquos, havendo uma maior circulação e interesse dessas informações num círculo constituído pelos integrantes do meio mais abastado da sociedade peninsular quatrocentista: nobreza, clero e altos funcionários (ESTRADA, 1997, p. 66-67). A passagem contida no livro de viagem de Pero Tafur, cavaleiro de Sevilha, três décadas depois da embaixada de Enrique III, evidencia como esses textos sobre as terras distantes circulavam em meios nobiliárquicos. O nobre sevillano descreve em seu relato o rio Don, situado entre a Rússia e a Criméia, por onde os embaixadores teriam passado:

Este é o caminho que fizeram os embaixadores do rei Enrique, quando eles foram até Tamerlá, isso me foi dito por Don Alfonso Fernandez de Mesa, e dali até o ponto que andara era tão distante, como dali até Castela, mas que eles fizeram caminho direto para lá e para trás e viram muitas coisas estranhas pelo caminho, e na casa de Tamerlá, como eles disseram certamente (TAFUR, 1995, p. 93).

O viajante descreve não apenas o seu conhecimento acerca da missão dos embaixadores como também de outro nobre que teria lhe falado sobre eles. As notícias dos relatos dos viajantes são contrastadas e postas em evidência em decorrência desse interesse sobre as terras longínquas, compartilhado pelos homens do quatrocentos.

O ato da viagem, especialmente destinado aos nobres, impunha grandes riscos a serem driblados por aquele que se deslocava, podendo resultar, como diz, em aquisição

---

<sup>5</sup> Francisco López Estrada em um texto que se dedica a tratar dos viajantes ibéricos durante o século XV atenta para esse aspecto do monarca castelhano usando um trecho de uma crônica sobre o rei onde o autor expõe o ímpeto do rei em conhecer as terras alhures: "y fue tan deseoso de saber las cosas extranas, que enviaba caballeros de su casa no solamente a los reyes cristianos y al Preste Juan de las indias, más aun, al gran Soldan de Babilonia y de Egipto, y al Tamorlan que quiere decir, en nuestra lengua castellana, Señor dei Hierro, y al gran Turco y a los reyes de Tunez y de Fez y de Marruecos y con otros grandes reyes y senores moros por haber informacion de sus tierras y estado y costumbres, en [lo] que hizo grandes espensas [gastos], lo que sin duda procedia de grandeza de corazon, que mucho conviene a los grandes principes saber de los semejantes" ALMELA, D.R. *Compendio de todas las Crónicas de España*, cap. XXXI, p. 721 Apud. LÓPEZ ESTRADA, F. *Viajeros Castellanos a Oriente en el Siglo XV*. In: *VIAJES Y VIAJEROS EM LA ESPAÑA MEDIEVAL*, Actas del V Curso de Cultura Medieval Celebrado en Aguilar (Palencia) del 20 a 23 de Septiembre de 1993. Madrid: Polifemo, 1997, p.64.

de conhecimento. Essa narrativa refere-se às viagens realizadas entre 1436 e 1439 (TOVAR, 1986, p. 85) e teria sido escrita por volta de 1453-54, muito provavelmente devido à derrota cristã e à perda da cidade de Constantinopla, tendo como um dos possíveis motivos o desejo de mostrar as visões da cidade antes de sua queda (HERNÁNDEZ, 2013, p. 36). Sua viagem seria motivada por vontade própria, valendo-se de uma trégua entre o rei de Castela e os muçulmanos nas lutas de fronteira, como ele aponta: “portanto, por estas e outras razões, e em vista da trégua entre o nosso senhor, o Rei Don Juan e os mouros, os nossos inimigos naturais, podia dar-me espaço e outorgar tempo para visitar várias partes do mundo, em sua execução e feito o início a viagem” (TAFUR, 1995, p. 15-16).

Neste trecho, Tafur sugere um fator importante para pensarmos os deslocamentos nesse período, que seriam as condições da viagem. Nas palavras do cavaleiro sevilhano, notamos como a existência de uma trégua se mostra de suma importância para o cumprimento das suas andanças, cujas condições seriam das mais variadas naturezas, como questões políticas e bélicas – tal como no caso apontado –, intempéries climáticas, meios de transportes e caminhos viários usados, acidentes naturais, dentre outros. Eram fatores que, mesmo exteriores ao ato da viagem, relacionavam-se com o viajante e com seu ato de transpor as distâncias. As descrições sobre esses aspectos possuíam uma ligação com a experiência viajante, sendo uma forma pela qual esses nobres viajantes se conectavam ao espaço que percorriam (ARGÍMON, 2011, p. 180), entendendo-os tanto como empecilhos para a viagem como também maneira de se comentar a terra e as populações com as quais ia tendo contato.

Fazer uma viagem durante esse período não era uma tarefa fácil, não havendo garantia de que o traslado iria ocorrer sem nenhum percalço, ou mesmo se o viajante voltaria da aventura. Embora houvesse meios de cortar as distâncias, as viagens não eram nada confortáveis ou mesmo seguras (MOLINA, 2000, p. 113-122). As ferramentas que serviam de guias não eram de fácil acesso, tendo os viajantes muitas vezes que recorrer à memória de outros que já tinham percorrido os caminhos. As viagens mais longas, fossem motivadas por meios seculares ou religiosos, requeriam um planejamento maior e uma alta quantia em dinheiro (LABARGE, 2000, p. 40). Durante os séculos XIV e XV, o aumento das guerras gerou insegurança, causada tanto pelos combates quanto pela pirataria, que foi surgindo no Mediterrâneo. A esses aspectos somou-se a questão das dificuldades da viagem e as intempéries naturais que dificultavam o traslado e colocavam em risco a vida do viajante (LABARGE, 2000, p. 57).

Nesse período, umas das formas mais rápidas de se cruzarem grandes distâncias seriam as vias marítimas. O traslado marinho contava com uma série de dificuldades, e era um grande causador de temores, já que, no caminho para o oriente, as embarcações se encontravam indefesas tanto pela ausência dos ventos, como pelas terríveis tempestades, que assombravam os relatos das viagens marítimas. A passagem em direção ao além-mar seria uma atividade que carregava uma carga de devoção mística, sendo o mar uma “estrada” que ligava os cristãos tanto às terras exóticas como à cidade de Jerusalém, principal destino das peregrinações. O temor das dificuldades e inseguranças do caminho marítimo também era um aspecto comum, mostrando como os medievais continham uma ambiguidade em relação a esse espaço (DU JOURDIN, 1995, p. 47).

Assim, as passagens que os viajantes relatavam sobre suas experiências neste ambiente podem auxiliar a entender melhor como os homens quatrocentistas construíam suas impressões sobre os lugares que iam percorrendo durante suas jornadas. Uma pista disso é um trecho do relato de Ruy González de Clavijo (1999, p. 91) sobre uma forte tempestade que a embarcação em que se encontrava enfrentou em alto mar: “[...] fez-se uma grande tempestade e houve um vento contrário na quarta-feira de manhã. Por volta de meio dia, as velas da carraca partiram-se em dois, como um galho de árvore seco, de modo que se viram em grande perigo”.

O viajante expõe a situação pela qual passava dando ênfase na ameaça iminente para os tripulantes e continuando o relato de maneira a mostrar como se desenrolam os fatos, depois de frisar como se encontravam em perigo. Ele descreve:

E a difícil tempestade durou de terça-feira até horas da noite de quarta-feira; e os referidos portos, nomeadamente o de Strangol e Volcan<sup>6</sup>, lançavam grandes ventos e grandes chamas e fumaça com grande ruído. O chefe fez com que cantassem uma súplica, pedindo pela graça de Deus para que a tempestade não durasse. Terminada a oração, andando no meio da tempestade, avistaram da gávea fogos de São Telmo<sup>7</sup> da gávea (CLAVIJO, 1999, p. 91, tradução livre).

No acontecimento narrado é destacado o alto nível de periculosidade para a missão e a vida dos viajantes, mas nota-se como esse aspecto arriscado se liga à questão religiosa, em que, por meio da oração dos navegantes, surge um sinal de que a tormenta poderia cessar. As tempestades em alto mar podiam ser por vezes interpretadas durante o período medieval como um castigo divino (DU JOURDIN, 1995, p. 233), mas é descrita

---

<sup>6</sup> Trata-se de ilhas vulcânicas que Francisco Lopez Estrada diz se localizarem possivelmente entre o golfo de Veneza e o mar Adriático. ESTRADA, F. L. In. CLAVIJO, 1999, p. 91.

<sup>7</sup> Fenômeno meteorológico que era relacionado com o fim das tempestades pelos marinheiros, no original Clavijo se refere a esse fenômeno como “lumbre de candela”, Francisco López Estrada também diz que eles faziam parte da crença da proteção de São Pedro Gonzalez de Tuy aos marinheiros galegos que navegavam pelo mediterrâneo. CLAVIJO, 1999, p. 92.

neste trecho como uma ajuda divina, por intermédio de um santo, sendo isso o que o narrador dá a entender, pois a fé cumpre um papel no desfecho do acontecido:

Essas luzes duraram uma hora a mais, e logo a tormenta cessou. E estes fogos que surgiram, diziam ser obra de São Pedro Gonzalez de Tuy, pois havia pedido a ele. E no outro dia amanheceram nos arredores das ditas ilhas e com visão da ilha de Cecília, com tempo bom e seguro (CLAVIJO, 1999, p. 92).

Embora o narrador não confirme de maneira veemente o fato, ele se ocupa em descrever o acontecimento dessa forma. O autor mantém certo distanciamento em toda sua narrativa dos episódios, sempre se apresentando em terceira pessoa, de maneira que não se crie uma ligação pessoal com os fatos. Sua preocupação é sempre em relatar o visto de maneira mais impessoal, mas é possível notar como, na passagem citada, existe uma preocupação de se falar o que os homens passaram e não apenas informações práticas que se apresentavam aos homens em viagem.

O percurso da viagem era uma tarefa que possuía seus entraves e dificuldades. Esses aspectos não se ligariam a um só tipo de ambiente, mas ao próprio ato de viagem, enquanto deslocamento por terras e lugares alhures, nem sempre íntimos. O ato de viagem abriria um mundo de encontros (KAPPLER, 1993, p. 04) para aquele que a empreendia, encontrando-se o viajante em um ambiente onde as experiências e coisas seriam novas para ele, de maneira que suas palavras sobre as visões eram informes que davam forma a esses ambientes distantes e envoltos de mistérios para os seus coetâneos.

A viagem e seus escritos teriam, assim, para certos autores, um cunho informativo, em que o ato da viagem se transformava em uma experiência cheia de significados compartilhados pelo fundo cultural e social tanto do transmissor como do destinatário do escrito<sup>8</sup>. A narrativa sobre a viagem era uma forma de se conhecer os lugares e povos estranhos, assim como um processo em que os homens que viajavam criavam impressões sobre si mesmos (KAPPLER, 1993, p. 06).

É digna de nota uma menção aos perigos vividos no trajeto do viajante Pero Tafur quando este navegava entre as ilhas do Mediterrâneo, onde o viajante vê no episódio sofrido uma ligação com o divino:

E um dia na hora das Vésperas<sup>9</sup>, surgiu uma grande tempestade no mar, que nos fez correr a noite toda com ela, e no dia seguinte foi mui mais forte [...]

<sup>8</sup> Para maiores esclarecimentos sobre este aspecto informativo dos relatos de viagem, consultar, POPEANGA, E. *Lectura e investigación de los libros de viajes medievales*; DÍAZ, D. C. *Historiografía y Libros de Viajes*. In: *Filología Románica*. Anexo I. Madrid: Ed. Universidad Complutense. Anexo I, 1991, p. 9-26; 101-119.

<sup>9</sup> Na liturgia católica, as Vésperas são a parte do Ofício Divino, também chamado Liturgia das Horas, que é celebrada à tarde, entre 15 e 18 horas. Composições ou cânticos sobre os textos dessa hora canônica também são chamados vésperas. C.f HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 2853, verbete: véspera.

Este dia e na noite seguinte estávamos em perigo constante e teve muito trabalho e corremos tanto que no dia seguinte estávamos sobre Nice na região de Provença, sendo véspera de Páscoa e Navidad<sup>10</sup> ali chegamos e concertamos as velas (TAFUR, 1995, p. 20).

Estando já a salvo, o viajante narra como o que se passara no mar teve uma repercussão durante a viagem:

[...] e antes de entrar na cidade fomos até a igreja de Nossa senhora da coroa, como havíamos prometido durante a tempestade do mar; entrando na cidade fomos a uma pousada onde ficamos por quinze dias e onde repousei, pois me sentia cansado, enjoado, infeliz e sem ufania. E ali foi a primeira vez que comecei a conhecer Deus (TAFUR, 1995, p. 20).

Tal passagem ilustra o cuidado do viajante em relacionar o relato sobre suas dificuldades com a questão espiritual, que vai desde a promessa a ser cumprida dentro da viagem para proteção durante a tempestade; e que se fecha com ele mesmo, afirmando como todo o episódio narrado o faz ter uma maior ligação com Deus. A relação com a dificuldade e o perigo se imprime nos escritos do viajante para mais que apenas um informe ou aviso da periculosidade do traslado por um espaço não assegurado: abre a possibilidade para o viajante construir um relato em que ele transmitia sua visão de mundo assim como seus valores.

Ainda no que diz respeito a como os perigos podiam ser passados pelos autores das narrativas, como fundo de expectativas e possibilidades da época, há no texto de Clavijo (1999, p. 152-153) uma passagem extensa sobre um perigo, em que uma tempestade faz com que uma carraca, tipo de embarcação cargueira, entrasse em rota de colisão com a embarcação onde estavam os viajantes:

E a tormenta cresceu tanto que era espantoso, e todos pediam a Deus, e pensavam que nunca iam escapar, e as ondas do mar eram tão altas que se quebravam de um lado e saíam pelo outro. E a galera tinha muito trabalho e fazia muita água. E em pouco tempo retornou até nós, e eles não faziam ideia do que fazer a não ser esperar pela vontade de Deus. E isso fizeram, fizeram vela e se dirigiram para terra, e como estava escuro não sabiam onde estavam [...] e Deus quis que a galera escapasse de toda madeira da carraca que não lhe fez dano algum.

Nota-se como a construção do relato do perigo é pautada no risco de morte que a situação oferecia, no qual é ressaltado o fato de eles se encontrarem puramente à mercê de Deus. O autor descreve como a galera, ao conseguir escapar da tempestade, gerar um espanto nos tripulantes da carraca que chegaram a terra, ficando impressionados com o fato de a galera escapar, narrando o ponto de vista de testemunhos:

---

<sup>10</sup> Seria a data de 24 de dezembro, segundo Marcos Jimenez de la Espada. C.f ESPADA, M.J. *Ilustraciones y notas a las Andanzas e viajes de Pero Tafur*. In: TAFUR, 1995, p. 368.

Os homens da carraca que haviam escapado, que estavam na dita ilha, assim pensavam, que a galé estava condenada e as pessoas dela estavam perdidas, e viram a maravilha quando a galé veio fazer vela, e logo depois contava, e ali diziam que a carraca havia partido a galera em um ponto e pensavam que logo fora avariada, e que antes que eles fossem em socorro, fizeram uma oração a Deus para que as pessoas da dita galera escapassem. E como a galera foi à terra, todo homem que podia se lançava ao mar, e escaparam todos os que foram à terra (CLAVIJO, 1999, p. 154).

O narrador, já em segurança, troca de embarcação, e faz uma exposição, de certo modo uma repetição do fato ocorrido, de modo que ele mostra como, na sua opinião, os perigos que teriam enfrentado até agora se ligavam à vontade de Deus:

E assim que foram colocadas todas as coisas na dita carraca e, estando eles [os embaixadores] a salvo, entenderam que Deus havia feito muitos milagres por eles, de muitas maneiras; o primeiro, por eles escaparem de uma tempestade tão grande e tão conclusiva como aquela, e diziam o capitão e os marinheiros que ali estavam, e que havia doze anos que navegavam naquele mar, e nunca viram tormenta tão grande. Os outros diziam que Deus fizera milagre em colocá-los a salvo assim como as coisas que o rei enviava, e por não serem roubados pelos turcos nem pelos marinheiros, que por eles fizeram mais, deixando-os a salvos em terra dos turcos (CLAVIJO, 1999, p.155).

Nesse trecho, o autor faz um balanço dos fenômenos que teria presenciado, relacionando a outros perigos e inventariando todos os momentos ameaçadores pelos quais passaram e conseguiram escapar. A proteção divina não se limitava apenas à segurança, mas à própria missão, já que os presentes enviados pelo rei de Castela não foram roubados ou perdidos. Esse trecho é um dos mais completos sobre o modo como o viajante entendia os perigos: algo além de meramente um problema, mas um fator pelo qual explanava acerca da viagem como uma missão assim como um meio de construir sua visão sobre os lugares e acontecimentos a partir da sua bagagem de conhecimentos, na qual a vontade divina era algo extremamente presente e imprescindível, tanto na viagem como na vida dos homens desse período.

Os embaixadores, embora seguissem com o andamento da viagem, chegando a Pera, região da Turquia, continuavam a mencionar sua escapada da tormenta: “E todos que os viam os reconheciam, dizendo que, pela tempestade que fez e pelo local onde ela os avariou, era uma maravilha como escaparam” (CLAVIJO, 1999, p. 156, *grifos nossos*). É curioso como essa tormenta não se compara às outras, ocorrendo mais perto do território turco e sendo sua ferocidade maior, assim como o detalhamento dela pelo narrador. Também é importante ter em mente como o narrador relaciona o próprio ato de escapar do perigo como uma maravilha, conceito que seria relacionado ao exotismo e misticismo do oriente (KAPPLER, 1994, p. 80). Assim, o ato de ter passado por tal

provação é visto tanto como uma visão exótica, como um milagre, aspectos que, embora fossem diversos, teriam certa conexão com o sobrenatural (LE GOFF, 1985, p. 24).

A montagem da viagem pelos viajantes era fruto das condições históricas e sociais às quais esses estavam imersos. As ideias acerca das coisas operavam através do consenso dos saberes que são partilhados pelos homens de cada época (VEYNE, 2011, p. 505-506). A credulidade dos viajantes que avistavam os lugares, até então incógnitos para eles, era transformada, numa receptividade que comportava as diferenças, em que as regras do conhecido eram quebradas (KAPPLER, 1994, p. 39). As terras longínquas eram aceitas pelos homens do medievo como ambiente do exótico e maravilhoso, aspecto de diversidade que era algo de certo modo esperado nos relatos das viagens, assim como um fator que despertava o interesse dos homens sobre essas paragens distantes (KAPPLER, 1994, p. 61-63).

Assim, as descrições dos viajantes no que diz respeito às condições das viagens também se fundavam nas concepções e expectativas de sua época. Através da preocupação dos autores em incluir na sua narrativa certos aspectos que envolviam os perigos sobre o deslocar, é possível notar como as menções faziam parte do discurso que almejava a veracidade sobre as terras distantes e a ideia de viajar (FOUCALT, 2008, p. 13).

### **Considerações finais**

A viagem no mundo medieval foi um importante contributo tanto para os contatos físicos e expansão territorial, como para o alargamento do conhecimento dos homens sobre o mundo ao qual pertenciam, assim como das terras longínquas. Tendo isso em vista, foi abordado como a viagem fez parte do mundo cotidiano dos homens que moravam na Península Ibérica, desde muito cedo. Seja por motivações seculares ou religiosas, homens de todas as extirpes se colocavam em viagem, havendo, em muitos casos, uma ligação da viagem com outros aspectos da cultura e sociedade da época.

Também foi levantado que os ibéricos, mesmo enfrentando por muito a permanência muçulmana em suas terras, nunca estiveram asilados do oriente, mantendo contato através de peregrinações assim como missões bélicas ou diplomáticas, como é o caso de Ruy González de Clavijo com sua embaixada, e Pero Tafur com suas andanças

que misturam passo de cavalaria, peregrinação e pequenos serviços aos senhores das terras por onde passa.

A forma como os escritos sobre as viagens transmitia as informações sobre o distante não era meramente uma compilação de fatos e observações sobre as terras e povos diversos avistados durante o trajeto, mas era antes uma construção cultural da época a qual os viajantes pertenciam. As maravilhas e aspectos exóticos que eram relatados partiam de toda uma bagagem de conhecimentos e saberes que circulavam por vias escritas e orais dentro do mundo de vivência dos homens; assim, os relatórios sobre as gentes e os lugares alhures se relacionavam com toda uma rede de expectativas, e possibilidades de veracidade que eram aceitas dentro do período e contexto social dos viajantes.

Os aspectos de formação dos homens que faziam as viagens agiam, assim, como filtros pelos quais as imagens acerca do mundo eram depuradas e formadas. Dessa forma, durante o estudo foi almejado analisar quem eram estes viajantes que davam forma às menções sobre a viagem e suas condições.

Os dois viajantes como participantes de uma cultura nobiliárquica que começa a se alterar durante os séculos XIV e XV, que, com o abrandamento das lutas contra os mouros nas fronteiras do mundo cristão peninsular, teve delineadas novas práticas pelas quais os nobres buscaram alcançar sua fama e legitimidade como camada social de destaque dentro da sociedade medieval. Assim a ligação com a coroa e os serviços prestados a ela se mostram imprescindíveis para os nobres, assim como a imagem de cavaleiro andante que se torna caro aos homens desse estamento social, pelos feitos de armas e bravura que faziam com que indivíduos se pusessem em viagem em busca por glórias e benefícios.

Em Castela esse processo não é diferente, e Clavijo e Tafur foram mostras dessa nobreza que começa a buscar novas formas de se organizar como grupo legitimado. A viagem para ambos, cada um à sua maneira, se liga às demandas de sua posição social. Clavijo é nomeado líder de uma embaixada política a mando de Enrique III, desempenhando o papel do nobre que servia ao seu rei e reino. Ao passo que Tafur buscava na sua viagem os contributos e conhecimentos necessários para uma boa administração da vida pública, assim como procura, ao longo do percurso, se portar como cavaleiro pertencente a um reino e que servia a um rei.

Assim traçadas a procedência dos viajantes foi pensado no objetivo próprio do trabalho, que consiste em averiguar como esses dois nobres castelhanos se reportavam

sobre os episódios que envolviam os perigos e dificuldades no seu caminhar pelas terras distantes. Ambos os documentos se mostram ricos em passagens onde os viajantes se preocupavam em descrever sobre os problemas e ameaças que envolviam o ato de viajar, logo buscamos ver como eram construídas tais menções, se sobre uma visão puramente patológica e negativa, remontando apenas aos percalços e sofrimentos que o deslocamento e contato com os lugares longínquos causariam ao viajante, ou se havia então uma especificidade nas palavras dos viajantes sobre tais eventos.

As alusões aos ocorridos perigosos e dificultosos foram percebidos ao longo do trabalho relacionados com as questões intrínsecas aos narradores. O viajante recorria aos seus pressupostos culturais estabelecidos para encarar essas situações; portanto, os autores das relações se ocupam em relacionar os perigos a outros fatores que envolviam tanto o espaço onde se passava o acontecimento como a situação de viajar.

Os perigos que são destacados se ligam muitas vezes a um fundo espiritual, havendo na maioria das vezes menção a intervenção divina na sua resolução, como nos casos mencionados de todas as tempestades marítimas, nos quais ambos os viajantes se mostram interessados em montar todo um ambiente de risco, colocando-se em iminência de morte, mas onde sempre são poupados da fúria do mar, e em todas as vezes os relatores relacionam essa salvação ao fator divino e sobrenatural.

Nesses episódios muitas vezes as intempéries naturais são postas como o principal aspecto perigoso, mas não são postas apenas como propiciadores de temor e cautela, sendo muitas vezes expressas como fatores exóticos e impressionantes acerca da viagem e das terras pelas quais o viajante se desloca. O uso do termo “maravilha” é empreendido com certa frequência para demonstrar tanto fenômenos naturais e a interação dos homens com estes, como o fato de sair ileso a uma tempestade ou o calor que se faz nas terras orientais.

Os perigos e dificuldades também se conectam à ideia de cumprimento da missão. O relevo por onde os viajantes passavam era muitas vezes descrito como ambiente inóspito e desafiador, as doenças e fadigas devidas à árdua tarefa de se deslocar pelas grandes distâncias também são constantes; essas passagens mostram como o espaço era lido pelos viajantes através desses fatores de conexão. As condições da viagem eram, assim, uma das formas desses homens mensurarem o ambiente por onde passavam. Esses fatores dificultosos também eram formas de realçar o empenho do nobre em dar prosseguimento com a viagem, que, mesmo sofrendo com as barreiras físicas,

enfermidades, cansaço, risco de vida, coloca-os em nota, e o senso de continuidade da viagem nunca é interrompido por esses obstáculos.

Assim, foi possível delinear, mesmo que de maneira breve, ao menos em certos aspectos, como os perigos e dificuldades que eram construídos de forma a se relacionarem com o universo de conhecimentos e crenças daqueles que os expressavam, constituindo assim parte da imagem que os relatos de viagens criavam sobre as terras longínquas, não caracterizavam somente um aspecto de provedores de sofrimento, como a opinião dos viajantes, mas como construtos diversos que se relacionavam a um acervo de saberes que os homens do quatrocentos continham, e do qual faziam uso para entender e recontar a ação da viagem.

---

#### THE MISHAPS AND MENTIONS DANGEROUS IN THE ACCOUNTS OF THE JOURNEY OF THE NOBLE FIFTEENTH.

**Abstract:** The present article has as purpose to discuss the accounts of the journey to the east, written by noble spaniards during the Fifteenth century, about the words dangerous along the paths of these travelers. The article aims to discuss how the men that were placed in the journey towards the east put in writing the passages that could mean a barrier to travel and a risk to your safety, so that it is possible to analyze how the noble castilians of that period viewed the act of move for distant lands as well as the ups and downs that presented themselves in such activity. To do this will be the compared two accounts of the journey: *Embajada à Tamorlán*, written by Ruy González de Clavijo, chronicling the journey in the service of king Enrique III of Castile, to the court of the leader of the mongol Tamerlã, between 1403 and 1406; and *Andanzas y viajes de un hidalgo español*, account of the travels of the knight-errant Pero Tafur, carried out between 1435 and 1439. The study is guided by the question of what is expected of the unknown, and the extent to which this appealed to or was afraid of, as well as by the analysis of the image of the unknown, drawn in by the travelers.

**Keywords:** Travel, Four Hundred, Dangers, Difficulties, Noble.

---

#### Referências

ARGÍMON, V. B. *La Geografía en los Relatos de Viajes Castellanos del Ocaso de la Edad Media Análisis del Discurso y Léxico*. Zaragoza: Pórtico, 2011.

BELTRÁN, R. Los libros de viajes medievales castellanos: Introducción al panorama crítico actual: ¿cuántos libros de viajes medievales castellanos? in *Filología Románica*, nº Extra 1. Madrid: Universidad Complutense, p.121-164, 1991. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM9191220121A/12692>> acesso em 23. Jul. 2014.

CLAVIJO, R. G. *Embajada a Tamorlán*. Madrid: Castalia, 1999.

CROSBY, A.W. *A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental - 1250-1600*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

DÍAZ, D. C. Historiografía y Libros de Viajes. In *Filología Románica*. Anexo I. Madrid: Ed. Universidad Complutense. Anexo I, p. 101-119, 1991. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/RFRM9797220225A/11713>>. Acesso em 18. Jun. 2104.

DU JOURDIN, M.M, *A Europa e o Mar*. Lisboa: Presença, 1995.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GÁRCIA, E. S. Libros de viaje en la península ibérica durante la Edad Media: Bibliografía. In *Lemir*, Valencia, Espanha: nº14, p353-402, 2010. Disponível em <[http://parnaseo.uv.es/lemir/Revista/Revista14/21\\_Garcia\\_Enrique.pdf](http://parnaseo.uv.es/lemir/Revista/Revista14/21_Garcia_Enrique.pdf)>. Acesso em 13. Out.2014.

GRABOIS, A. *Le pèlerin Occidental en Terre Sainte au Moyen Âge*. Paris: Bibliotheque du Moyen Âge, De Boeck &Larcier, 1998.

HERNÁNDEZ, P. C. “Un estado de la cuestión sobre las Andanzas e viajes de Pero Tafur: discusiones historiográficas y problemáticas de estudio”, *Revista Historias del Orbis Terrarum, Anejos de Estudios Clásicos, Medievales y Renacentistas*, vol. 6, Santiago, 2013.

\_\_\_\_\_. Libros de Viaje y espacios Narrativos a Finales de la Edad Media. In *Forma*, Vol. 8. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, p.39-53. 2013. Disponível em <<http://www.raco.cat/index.php/Forma/article/view/271267>> acesso em 14. Nov. 2014.

HOWARD, Donald. *Writers and Pilgrims Medieval Pilgrimage Narratives and Posterity*. Los Angeles: University of California Press, 1980.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IGLESIAS, Antonio A. Caballeros centroeuropeos en España y Portugal durante el siglo XV. In *Revistas Espacio, tiempo y forma* nº 1. Madrid: Facultad de Geografía e Historia. UNED, p. 41-58, 2014, disponível em <<http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/3477/3334>> acesso em 10. Jan.2105.

KAPPLER, C. *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LABARGE, M.W. *Viajeros Medievales: los Ricos y los insatisfechos*. Segunda Ed. Madrid: Nerea, 2000.

LE GOFF, J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990.

MACKAY, A. *La España de la Edad Media: desde la frontera hasta el Imperio (1000-1500)*. Madrid: Cátedra, 2000.

MARQUES, J. *Peregrinos e peregrinações medievais do ocidente peninsular nos caminhos da Terra Santa*. Porto: Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2001.

MOLINA, A. L. Los viajes por mar en la Edad Media. In *Cuadernos de Turismo*, Nº 5, Murcia: Univercidade de Murcia. 2000, p 113-122. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=900545>> Acesso em 17.Agos.2015.

MOLLAT, M. *Los exploradores del siglo XIII al XVI: Primeiras miradas sobre nuevos Mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

POPEANGA, E. El discurso medieval en los libros de viajes in *Filología Románica*, nº 8. Madrid: Ed. Universidad Complutense, p. 149-162, 1991. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM9191120149A/12741>>. Acesso em 05. Jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Lectura e investigación de los libros de viajes medievales in *Filología Románica* Anejo I. Madrid: Ed. Universidad Complutense, p. 9-26,1991. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/RFRM9191220009A/12673>>. Acesso em 27. Jul.2014.

PRIEGO, M. A. P. Estudio literario de los libros de viajes medievales, In *Epos*, nº1, Madrid: UNED: Facultad de Filología, 1984. RASO. M. C. Q. *La nobleza señorial en la corona de Castilla*. Granada: EUG, 2008.

RASO. M.C. *La Nobleza Señorial en la Corona de Castilla*. Granada: EUG, 2008.

RIQUER, M. *Caballeros andantes españoles*. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

RUCQUOI, A. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.

TAFUR, P. *Andanzas y viajes de un hidalgo español*. Madrid: Polifemo, 1995.

TOVAR, J. R. *Libros Españoles de Viajes Medievales*. Madrid: Taurus, 1986.

VALLEJO, E. A. *Viajes y descubrimientos en la Edad Media*. Madrid: Síntesis, 1994.

VEYNE, P. *A História Conceitualizante*. In NOVAIS, F.A, SILVA R.F, *Nova História em Perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

*VIAJES Y VIAJEROS EM LA ESPAÑA MEDIEVAL*, Actas del V Curso de Cultura Medieval Celebrado en Aguilar (Palencia) del 20 a 23 de Septiembre de 1993. Madrid: Polifemo, 1997.

---

SOBRE O AUTOR

**Waslan Saboia Araújo** é mestrando profissional em História pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP).

---

Recebido em 31/05/2016

Aceito em 01/06/2016